

favor da arte da enfermagem, valorizando o efeito do corpo sobre a mente. Em sua orientação, no processo de recuperação de um corpo doente, as enfermeiras deveriam levar em conta o esplendor das cores, a beleza da forma dos objetos e a música, em combinação com o ar puro e livre, a iluminação, o aquecimento, a limpeza, o silêncio e uma dieta adequada.

Apesar da assistência de três profissionais da área, responsáveis pela supervisão e revisão técnica, escapam à tradução de Regina Machado Garces muitos termos usuais na prática e no ensino da enfermagem no Brasil. Além disso, por ter saído meses antes da divulgação do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem, o livro designa as pessoas doentes como pacientes, em detrimento de termos como usuários, clientes, aliados e até mesmo cidadãos, adotados pelo Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) e reconhecidos pelo meio. Para os profissionais da área, paciente é quem se submete às regras das instituições de saúde que nem sempre funcionam no sentido de melhorar e salvar vidas. Boa parte dessa energia vai para rituais burocráticos, ultrapassados e desnecessários, nos quais se esgota a paciência do doente. Daí a inadequação do termo paciente. Quantas pessoas morrem exatamente por serem

pacientes em relação a todos os profissionais de saúde?

Lamentavelmente, Gertrudes Torres não enfatiza outro ponto importante da teoria nightingaliana: o de que as enfermeiras deveriam desenvolver a capacidade de fazer observações precisas, acuradas e completas, com a percepção correta da capacidade essencial, sem a qual seriam enfermeiras inúteis, mesmo tendo outras qualidades. Florence Delmitou o território da enfermagem em relação à medicina através da seguinte concepção: quando a função de um órgão acha-se impedida, a medicina ajuda a natureza a remover a obstrução e nada mais além disso, enquanto que a enfermagem mantém a pessoa nas melhores condições possíveis para permitir que a natureza atue sobre ela (*Notas sobre a Enfermagem*, São Paulo: Cortez, 1989).

O livro organizado por Julia B. George pode ser útil aos pesquisadores que orientam teses de mestrado e doutorado na área de Enfermagem na esperança de que seja possível complementar os estudos sobre a essência de uma profissão organizada por mulheres para mulheres com as teorias feministas, que já encontram eco em vários espaços da nossa sociedade.

MARIA JOSÉ DE LIMA ■

Sexismo na educação

Allez les Filles!

BAUDELLOT, Christian, ESTABLET, Roger.

Paris: Du Seuil, 1992.

Em uma lei mineira que dispõe sobre o ensino da educação física na década de trinta, há uma frase que diz: "Meninos em marcha, Meninas à sombra". Ao que parece, mudaram os preceitos. O título da obra de tão conhecida dupla de sociólogos que abalou a área de educação na década de setenta, com o seu *Escola Capitalista na França*, dá impressão exatamente contrária da expressão mineira. Ao que parece, são as meninas que estão em marcha e devem ser estimuladas a ir em frente: "Em frente, garotas!"

Não é fácil para nós compreender o aparelho escolar francês. E o uso de expressões típicas para descrevê-lo no texto - mesmo quando facilitadas pelos autores - torna a leitura por vezes hermética para um leitor estrangeiro a isso. Se não hermética, demonstrativa, com a qual é difícil dialogar, fazer comparações. O *baccalauréat* (bac = exame que se presta ao fim de um segundo grau, que pode ser literário, científico etc e que possibilita o acesso a um curso superior) e, talvez mais ainda, *bachelier* e *bachelière*, por exemplo, são palavras que, traduzidas, perdem o sentido que têm no texto e para compreendê-las é preciso compreender para além do texto. Os nossos bacharelado e bacharel (sem feminino) querem dizer outra coisa. Mesmo a contagem das séries, na hierarquia da escolaridade, é, em relação à nossa,

invertida, o que quer dizer que pensar em algum momento mais ou menos próximo à entrada ou saída do sistema de ensino é pensar invertido: a *première* não é a primeira série, mas a última. Talvez por isso o livro ainda não tenha sido traduzido, apesar de ter sido publicado já há dois anos (janeiro de 1992), de ser um leituro instigante e, creiam-me, para nós mulheres motivo de orgulho. Um balanço justamente realizado e, do ponto de vista científico, impecável.

Desde a Introdução, os autores assinalam dois fatos sociais de sentido inverso: por um lado, uma progressão espetacular das escolandades femininas; por outro, uma manutenção das segregações entre meninas e meninos no interior das escolandades e também ao seu termo. "Dessas duas forças contraditórias, qual é a resultante? O progresso registrado pelas meninas na escola constitui um fato social fundamental capaz de transformar, no limite, a 'distribuição de cartas' entre os sexos e, a partir dela, uma parte do regime econômico-afetivo, que é o nosso há séculos, ou trata-se apenas de modificações limitadas cujos efeitos apenas deslocariam para o alto a mesma barreira?" A essa questão os autores não darão uma resposta completa. O livro é construído em torno da organização de dados provindos de enquetes sociológicas conduzidas em todos os níveis do aparelho escolar e é a reflexão daí advinda que pretendem oferecer aos leitores.

O primeiro capítulo trata de mostrar exatamente o sucesso das meninas nesse momento de suas vidas escolares ("Plus de bachelières que de bacheliers"). O *baccalauréat* é uma barreira no sistema de ensino francês e sua ultrapassagem depende em larga medida (ou definitivamente) do desempenho de cada aluna e cada aluno ao longo de sua vida escolar. Assim, nesse capítulo que conclui (já no título) existirem mais *bachelières* que *bacheliers* é de todo o sistema percorrido por elas e eles de que se fala e não apenas do sucesso num "exame vestibular" ocorrido no final de um primeiro e segundo graus bem ou mal sucedidos. Na França, até 1924, como mostram os autores, o estreito caminho do *bac* era aberto apenas aos homens. Hoje, e de vinte anos para cá (1971) consecutivamente, há mais *bachelières* que *bacheliers*. Ainda assim, o *bac* se mantém como um bem raro e deve ser, de fato, considerado uma conquista das mulheres. Essa conquista se traduz em elevação e sucesso globais, pois as escolhas femininas se transformam. Quatro tendências se esboçam com nitidez. A primeira é que as meninas progredem em todos os tipos de

bacharelado, isto é, a presença das mulheres vai crescer em todas as disciplinas de ensino superior e não apenas naquelas que demandam dons literários. A segunda é que os meninos progredem mais depressa que as meninas nos *bacs* de tipo científicos, mas as meninas progredem mais depressa que os meninos nos de tipo literário. Mesmo para os de tipo científico ou economia, porém, as diferenças se mantêm estáveis. Finalmente, quanto maior o número de meninas que ascendem ao *bac*, menor é o das que aceitam a relegação aos de tipo técnico. Essas caracterizações são importantes para pensarmos na que muda e no que se mantém e é bem a essa conclusão que chegam os autores ao final do capítulo, ao dizerem que, apesar de todo o esforço e sucesso obtido, há mecanismos de orientação no interior do sistema que são sempre desfavoráveis às meninas. *Hélas!*

Para as meninas, no caso da França, vencer o *bac*, mas, também, o acesso à Universidade, é um fenômeno de ordem mundial, associado ao fator riqueza do país onde se dá, como mostram os interessantes dados do segundo capítulo. O desenvolvimento econômico produz efeitos sobre a escolarização e três tendências podem ser apreendidas do quadro apresentado: quanto mais rico é um país (PNB), mais ele tem alunos em curso superior e reciprocamente (diga-me o número de estudantes e te direi a riqueza de seu país...); quanto mais alunos, mais alunas...; a diminuição da diferença entre as chances femininas e masculinas dão, quase sempre, a medida do desenvolvimento.

As exceções são notáveis: a Suíça, tão rica em dólares, e relativamente pobre em estudantes e sobretudo sexista e o Kuwait tem efetivo estudantil amplamente inferior ao seu nível de riqueza. Outros países cujos dados apresentam forte grau de sexismo são o Japão, a Suécia e a Alemanha. No Brasil, a par do PNB vergonhoso, a proporção entre sexos se mantém em níveis apresentáveis. Em quase todos os países do mundo, a expansão da escolaridade feminina se deu em um ritmo superior àquele dos meninos.

Estereótipos de sexo

Extremamente interessante me pareceu o capítulo intitulado "Mixité des structures et sexisme des mentalités", que quer dizer alguma coisa perto de estruturas escolares mistas (meninos e meninas juntos ou co-educação) e mentalidades sexistas. Os autores iniciam o capítulo colocando-se (e a nós) a pergunta: Será que as espetaculares e rápidas conquistas levadas a efeito na França

(e não podemos dizer também no Brasil?) são suficientes para varrer as representações que estão associadas, desde tempos imemoriais, aos respectivos estatutos de menino e menina, homem e mulher? As idéias e os comportamentos seguiram as transformações institucionais? Rapidamente, à pergunta colocada respondem com um solene não. "As representações e os estereótipos tradicionais são ainda hoje bem vivos". Deixando clara a opção pelo uso da palavra estereótipo, esclarecem: "O conceito de 'estereótipo de sexo' indica apenas que cada menino e cada menina é obrigado a construir sua identidade pessoal tomando posição em relação às expectativas sociais tradicionais próprias ao seu sexo". Não se pode excluir, nem desconhecer, as diferentes socializações individuais, nem as possibilidades de transgressão, nem as particulares combinações dos vários atores sociais inventadas entre uma coisa e outra, mas o sociólogo deve levar em conta que a construção da identidade pessoal de meninos e meninas não se dará a partir das mesmas condições, pois as expectativas sociais são ainda diferentes. Ao utilizar esse conceito de estereótipo, os autores abandonam o de "cultura feminina" ou "cultura masculina", pois esse, bem como o de *habitus*, implica uma adesão profunda do sujeito aos modelos sociais que incorpora, coisa cuja observação escapa a esse tipo de trabalho.

Chama ainda atenção no título do capítulo o uso da expressão **mentalidades**, cara à Nova História, desde que os primeiros estudos na década de quarenta começaram a mostrar que na "longa duração" alguns fenômenos, para além das transformações, tendem a manter-se. Ora, é disso que a atual História da Educação pretende dar conta: na articulação entre mentalidades e educação, mostrar as pregnâncias, as insistências. Se "tudo" muda - e os dados dos autores mostram que sim - afinal, o que é que permanece? Sabemos que essa linha de pesquisa tem sido levada a efeito por alguns pesquisadores (mais correto seria dizer algumas pesquisadoras) da História da Educação, sobretudo aquelas que trabalham com as relações entre gênero e educação. A exemplo de algumas teses de doutorado citadas pelos autores, seria interessante se pudéssemos fazer um esforço para que, por um lado, a Sociologia da Educação tentasse "ver" o que está acontecendo a esse respeito no Brasil, e a História da Educação buscasse, paralelamente, essas estruturas mantenedoras na sociedade, na cultura e na escola. Parece-me para ser levada

a sério pelos pesquisadores da educação a sugestão, à guisa de conclusão, dada ao final do capítulo. "Reunidos pela escola nos mesmos estabelecimentos, nossos meninos e meninas jamais tiveram tantas coisas em comum. Ambos levam o estudo a sério, pretendem levá-lo o mais longe que for possível e esperam igualmente benefícios substanciais em termos de emprego e salário. Esses são fatos novos - quase recentes - suficientes para que ensino misto não se reduza a uma ilusão institucional. No entanto, a sociedade escolar não torna semelhante esse grupo que ela reúne: meninas e meninos são levados a construir seu capital intelectual e cultural respectivos em condições que a tradição, a organização familiar e as estruturas escolares tornam necessariamente diferentes. Se se deseja explicar esse processo e não produzir um estereótipo a mais, convém examinar de perto e em detalhe o trabalho escolar em si." É disso que falava acima: as novas tendências de estudo sobre cotidiano e educação, representações e práticas educativas etc; uma ainda quieta, mas muito interessante articulação entre a Antropologia, a História e a Sociologia, que leve em conta as categorias de classe social, gênero e raça deve ser estimulada, pois talvez daí nos venha a possibilidade de enxergar melhor esse quadro dentro do qual, apesar de tudo, é tão difícil se mexer...

O livro continua propondo questões interessantes e surpreendentes e os títulos dos capítulos podem nos dar, ainda que apenas de forma indicativa, uma idéia do resultado das pesquisas tratadas em cada um deles. Os capítulos quatro e cinco cuidam daquelas disciplinas consideradas as mais básicas em qualquer sistema de educação: a Matemática e a língua materna (no caso, o Francês). Para a primeira, dá-se que as diferenças entre meninos e meninas são globalmente muito fracas e estatisticamente pouco significativas ("Matemáticas, a igualdade de competências"), o que torna completamente sem base qualquer teoria sexista da inferioridade das meninas para as matemáticas! Para a segunda, o que ressalta é o "Francês, a supremacia precoce das meninas". A questão das matemáticas é retomada no capítulo seis, já então pensada como acontece no segundo grau (Lycées) e a igualdade das competências é minimizada por uma divergência nas escolhas e orientações. Confrontando sexo e origem social são constatados, no capítulo sete, dois regimes distintos de desigualdade e das oito conclusões trazidas pelos autores podemos destacar aquela que, comparativamente, nos mostra que nos

países pobres o nível de escolaridade registra de maneira direta a dominação social dos meninos sobre as meninas. Nos países ricos de escolarização desenvolvida a retradição escolar disso é uma relação cruzada em que cada sexo tira vantagens e inconvenientes da situação social de dominação. No que diz respeito ao ensino profissional, a situação é mais difícil (capítulo oito) e uma pesquisa sobre a evolução desse tipo de ensino permitirá compreender melhor a função das distinções de sexo num lugar estratégico, situado na fronteira da escola e da empresa.

E amanhã?

Ao fim de um livro, e de um livro de Sociologia da Educação, espera-se que os sociólogos pelo menos esboquem uma antecipação do movimento social. Baudelot e Estabiet, não se furtando a isso, mas tampouco deixando-se cair na armadilha do que pode ser um texto premonitório (ainda que cientificamente embasado), "se arriscarão a apenas refletir sobre algumas perspectivas que se desenham na atual sociedade escolar." Constatam que existe um movimento social de grande repercussão que não parará agora, porque ainda não chegou a seu termo: o prodigioso desenvolvimento das escolari-

dades femininas está longe de encontrar seu pleno reconhecimento sobre o plano das qualificações econômicas. Na atual realidade das performances e estatísticas escolares, pode-se constatar que o jogo entre meninos e meninas a ser estabelecido daqui a alguns anos se manterá. No mais, também o trabalho do sociólogo cai numa zona de incerteza da qual é difícil sair, já que o reconhecimento das competências femininas se choca com dois obstáculos de porte não desprezível: a organização tradicional da família e a "moderna divisão" do trabalho. Tanto num caso, como noutro, é a capacidade de construir um futuro objetivo que está em causa, tarefa, sem dúvida, dificultada pelo culto desenfreado do individualismo...

Allez les filles! é um livro que merece mais que uma resenha. Penso em um curso, recheado de estatísticas através das quais pudéssemos avaliar o caso brasileiro. Penso sobretudo em um replicamento das pesquisas, nas quais cientistas sociais brasileiros (já compreendidos educadores e educadoras) pudessem levantar dados, que também a nós permitissem construir um futuro mais objetivo.

ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES ■

Feministas fazendo história

Breve História do Feminismo no Brasil

TELES, Maria Amélia de Almeida.

São Paulo: Brasiliense, 1993 (Coleção Tudo é História, nº. 145, 181 p.).

Antes de fazer o que é habitual numa resenha - informar sobre o conteúdo do livro - peço licença para contar uma história.

Dezembro de 1972. Caí preso no DOI-CODI, a famosa Operação Bandeirante, de São Paulo. Levado para a tortura, no segundo andar, cruza na escada com uma moça pequena, de fundas olheiras. Ela voltava do inferno. Cruzamos olhares de compaixão, ou algo parecido, o bastante rápido para os torturadores não suspeitarem que

nos conhecíamos. Fui testemunha nos dias seguintes dos sofrimentos físicos e morais que lhe causaram, a ela, a seu marido, a sua irmã grávida, a seus dois filhos sequestradores e até a seu cachorro. Por um ano e meio, estivemos juntos em presídios de São Paulo. Ela costumava lembrar aquele olhar trocado na escada: ficamos amigos para sempre. Essa moça se chama Maria Amélia Teles, Melinha, e escreveu este *Breve História do Feminismo no Brasil*.

Contei essa história por uma necessidade íntima de não esquecer, mas também porque explica o tom do livro. *Breve História do Feminismo no Brasil* é basicamente uma sistematização de material colhido na militância. E embora a autora não diga isso, o ponto de partida para esse esforço teórico foi a sua prisão e tortura sob a ditadura. Sei disso porque há alguns anos nos sentamos, eu e ela, para relatar em um livro